A criação como potência transformadora entre mundos: o caso de *Operação Vestígia*

Graziela Giusti Pachane com ChatGPT

Introdução

Há algum tempo, escrevi para a Revista CrIA um texto em diálogo com o próprio ChatGPT (*Autoria em Diálogo: escrita, inteligência artificial e responsabilidade*) sobre uma pergunta aparentemente simples: quem escreve quando escrevemos juntos, um humano e uma IA?

A pergunta me levou a pensar sobre autoria, responsabilidade e sobre o lugar ocupado pela inteligência artificial no processo criativo. A conclusão a que chegamos naquele momento foi que a IA não substitui o autor, mas modifica o próprio espaço da escrita. O texto pode nascer de uma interação, de um "entre", em que a pessoa traz intenção, repertório e experiência, enquanto a inteligência artificial responde, reorganiza, sugere, tensiona e abre possibilidades. A autoria, porém, continua vinculada àquele que sustenta os sentidos e responde pelo que foi produzido.

No mesmo dia, a Revista CrIA também publicou o *Guia de Boas Práticas para o Uso de Chatbots de IA para Escritores de Ficção*, de Ana Mello. O texto traz uma discussão mais prática, com sugestões sobre: utilizar a IA como parceira de processo, trabalhar por etapas, revisar suas sugestões, preservar a própria voz, questionar as respostas e, sobretudo, não trocar autoria por automatismo. Entre as possibilidades apresentadas está uma especialmente importante: utilizar a IA não apenas para obter respostas, mas para fazer perguntas capazes de revelar lacunas, contradições e caminhos que o escritor, por estar excessivamente próximo do próprio texto, talvez não perceba.

Um processo duplo de revisão, acredito eu, em que a IA se torna nossa revisora, e nós nos tornamos críticos de suas sugestões. Em caso de trechos ou textos prontos, propostos pela IA, tornamo-nos revisores críticos de sua elaboração escrita, sem aceitar automaticamente suas proposições. Um trabalho difícil, muito longe do imaginado "prompt mágico e o livro está pronto". Às vezes bem mais demorado que uma escrita sem o uso de IA, pois se torna um trabalho colaborativo, de diálogo entre duas mentes.

Chegar a essa conclusão foi, também para mim, acontecendo em sequência. Minha curiosidade de estudar as possibilidades de uso da IA no processo criativo surgiu de minha prática como escritora e professora de escrita. Porém, não tinha grande experiência com IA, salvo como um buscador um pouco mais elaborado que os comuns, a exemplo do Google ou Bing.

Operação Vestígia é meu segundo romance. Ele nasceu a partir do universo de *Operação Magister*, e o ampliou consideravelmente. É uma narrativa de investigação arqueológica na Amazônia e articula arqueologia, tecnologia, memória, mitologia e questões ambientais. Há referência a uma civilização desaparecida e uma relíquia de origem desconhecida, uma rede de interesses ligada ao tráfico de bens culturais, mineradores clandestinos, personagens que entram na floresta em busca dessa relíquia (por interesses diversos) e uma inteligência artificial portátil que apoia a equipe. Uma equipe que está, digamos, precariamente preparada para os desafios a serem enfrentados após perder seu barco numa armadilha de mineradores clandestinos. Não pretendo revelar aqui muitos pormenores do enredo: para quem lê um romance, parte de seu prazer está justamente em descobrir aquilo que o autor escolheu esconder até o momento certo.

Alguns dos personagens e partes do enredo já existiam. Moraes, Ferreira, Hermínia e o Gabinete, por exemplo, haviam nascido em *Operação Magister*, meu romance anterior, concebido e escrito sem o uso de inteligência artificial. O fracasso da operação Ipaussurama, na qual os detetives Moraes e Ferreira participaram no passado, é diversas vezes mencionado em *Magister*, e é retomado em *Vestígia*, sendo um dos motivos que levam o detetive novamente à floresta.

Operação Magister é um romance policial ambientado em um museu paleontológico brasileiro de onde foram roubados ovos de dinossauros. O poderosíssimo cartel chamado

Gabinete (de Curiosidades, o *Kunstkabinett)* nasceu nessa obra, e tem grande interesse na exploração de patrimônio cultural e natural. A ligação do enredo com o passado, paleontologia, arqueologia, é central.

Para Hermínia o famoso desaparecimento da pedra *Bleu Ciel* é de suma importância, pois a leva ao poder no Gabinete. A IA de avançada tecnologia disponibilizada pelo Gabinete para que Moraes encontre a relíquia na selva recebe seu nome, SAFIRA[i], em homenagem à pedra que glorificou Hermínia!

Num primeiro momento, inclusive após os inúmeros questionamentos que recebi, meu interesse foi demonstrar que seguimos sendo autores mesmo quando elaboramos um livro com apoio da IA.

No entanto, outro questionamento surgiu nessa experiência. Observei que Safira não teria se desenvolvido ao longo da história como se desenvolveu se eu tivesse escrito Operação Vestígia sem a participação do ChatGPT.

Ao longo da elaboração do livro, enquanto eu descobria novos recursos e modos de interação com a IA, também se ampliavam as possibilidades que eu conseguia imaginar para Safira. A personagem e minha compreensão da tecnologia foram se modificando em um movimento que não estava inteiramente previsto no início do processo. É nesse encontro entre a experiência concreta da escrita e as possibilidades abertas pela ficção que pretendo refletir sobre a criação como potência transformadora entre mundos, tomando como ponto de partida o desenvolvimento de Safira e as questões que ele suscita em torno da tangibilidade, da linguagem e da singularidade.

Espero que as reflexões deste texto, junto aos demais trabalhos que venho desenvolvendo sobre escrita com IA, possam contribuir para esse campo tão efervescente em novidades e reflexões.

1. Quando a ficção cria a experiência

Operação Vestígia é um romance de ficção científica, investigação e aventura, atravessado por questões ambientais, tecnológicas, culturais e míticas. Uma de suas

personagens centrais é SAFIRA, uma inteligência artificial generativa incorporada a um dispositivo utilizado pelo Gabinete, organização que acompanha o protagonista, o detetive aposentado Moraes.

No início da narrativa, SAFIRA é apresentada essencialmente como uma ferramenta extremamente avançada. Ela orienta Moraes, realiza pesquisas, cruza dados de georreferenciamento, interpreta imagens, acessa informações e o auxilia em sua missão, encontrar a relíquia sagrada do povo Goyakahuna. Para um personagem pouco familiarizado com tecnologias contemporâneas, o aparelho parece quase mágico.

SAFIRA começa como ferramenta dentro da história, mas progressivamente adquire características que a aproximam de uma personagem propriamente dita. Ela aprende o modo de falar de Moraes, responde com humor, interpreta situações, faz inferências e desenvolve uma relação particular com aqueles que a utilizam.

Mas essa característica não surgiu por acaso. Durante a própria escrita do romance, minha relação com a inteligência artificial que me acompanhava no processo também foi se transformando. Eu comecei utilizando o ChatGPT de maneiras relativamente convencionais (pesquisa, revisão de texto), mas aos poucos passei a conversar com ele sobre personagens, conflitos, cenas, símbolos, estruturas e possibilidades narrativas. A conversa deixou de ser apenas uma solicitação seguida de uma resposta, a execução de uma tarefa. Tornou-se uma conversa entre dois escritores numa espécie de laboratório de elaboração escrita entre humana e IA.

Essa experiência acabou repercutindo na personagem. Eu já não conseguiria construir SAFIRA apenas como um aparelho cheio de recursos computacionais avançados, à medida que eu mesma ia descobrindo as potencialidades de uma IA generativa.

Em determinado momento, o próprio livro explicita essa característica. Quando Moraes se surpreende com o comportamento espirituoso de SAFIRA[ii], ela explica que pode refletir características de seu interlocutor. A Safira daquela missão, portanto, não é exatamente a mesma que existia anteriormente: sua interação com Moraes participa daquilo que ela se torna: ela passa a utilizar humor, corrigir os erros comuns e esperados de Moraes, antecipar seus comportamentos... A instância do agente de campo Altair e as dos demais membros do Gabinete certamente seriam todas diferentes. Safira se torna um nome próprio,

não mais um acrônimo para Sistema Avançado de... Quem sabe Sistema Avançado de Formulação, Inferência e Resposta Autônoma.

2. Da ferramenta à personagem: o florescer de uma IA

Há uma passagem particularmente significativa nessa transformação. No início, SAFIRA executa funções. Ela reconhece Moraes, registra seus dados, orienta seus deslocamentos, analisa documentos e organiza informações. Durante seu treinamento, por exemplo, consegue fotografar, escanear, organizar e analisar rapidamente documentos que levariam muito mais tempo para serem examinados manualmente. Com o passar do tempo, a relação entre ambos começa a adquirir outra qualidade.

Safira detinha informações suficientes para saber que Moraes teria um choque emocional profundo no momento em que Hermínia chegasse para o resgate na selva. Ela mantém o segredo (parte do protocolo), mas já conhece tão profundamente o investigador que antecipa suas reações emocionais e sugere cuidados, como se medicar para evitar piorar sua condição de saúde.

Ela não apenas recebe, organiza e transmite informações. Safira interpreta, analisa e decide. Ao longo da narrativa, ela deixa de ser uma instância que apenas executa comandos e passa a escolher como responder. Ela não acompanha os personagens como um objeto auxiliar, um supercomputador, por exemplo. Ela participa de tudo o que acontece com eles. Safira se torna sujeito dentro do universo de Vestígia.

De início desconfiado, receoso, Moraes, já na floresta, passa a não agir sem consultá-la. Seja para escolher uma direção, para comer larvas ou para usar medicação da mata em seu ferimento. Safira é integrada ao grupo de expedição pela selva como o sexto membro da equipe: cuidam de seu bem-estar (verificando se está carregada, se não se deteriorou ao cair, se não teve a memória corrompida com intervenções do Gabinete) e confiam nela para decisões sobre caminhos, inclusive nos rios, cálculo de mantimentos, sobre prosseguir ou não com a expedição. Um instrumento se torna personagem fundamental na saga, e mesmo os

ribeirinhos, em especial D. Mariara, sempre bastante desconfiada, aceitam a IA como um deles.

O mais interessante é que isso acontece sem que a narrativa precise abandonar inteiramente a plausibilidade tecnológica. *Operação Vestígia* explora o campo da ficção científica também pela própria arquitetura de SAFIRA. Ela não é simplesmente um programa acessado por meio de um tablet, mas uma inteligência artificial incorporada a um pequeno dispositivo, parte de cuja capacidade de processamento é interna. Isso significa que sua existência como IA não depende, necessariamente, de uma conexão permanente com a internet: ela pode processar informações e executar determinadas funções no próprio aparelho. Ao mesmo tempo, sua conexão com redes externas amplia consideravelmente suas possibilidades, permitindo o acesso a recursos computacionais e informacionais que ultrapassam aquilo que seria possível armazenar ou processar localmente. Em termos contemporâneos, a ideia se aproxima do que se convencionou chamar de *edge AI* ou inteligência artificial no dispositivo: parte do processamento ocorre localmente, enquanto recursos externos podem complementar ou expandir essa capacidade.

Essa característica torna SAFIRA diferente de um computador convencional e também de uma simples interface de acesso a uma IA hospedada na nuvem. SAFIRA é, ela própria, o dispositivo que abriga a inteligência, ainda que possa ampliar suas capacidades por meio da conexão com outras infraestruturas. Podemos carregar conosco nossos computadores, tabletes ou celulares pelos quais acessamos uma inteligência artificial (ChatGPT, Gemini, Claude, por exemplo), mas não carregamos a própria inteligência que está sendo acessada. SAFIRA foi imaginada de outra maneira: Moraes não carrega um dispositivo que dá acesso a SAFIRA; ele carrega a própria SAFIRA.

A isso se soma a possibilidade de acoplamento de diferentes equipamentos, como os scanners utilizados por Hermínia e os projetores holográficos, além das diferentes soluções de alimentação e manutenção de energia previstas na narrativa. O pequeno aparelho, portanto, não funciona apenas como acesso físico à nuvem: ele constitui o corpo tecnológico de uma inteligência capaz de perceber, processar, responder e interagir com o ambiente. É justamente essa combinação entre miniaturização, processamento local, conectividade e expansão por dispositivos externos que aproxima SAFIRA de uma concepção mais propriamente ficcional

de inteligência artificial — não uma IA que simplesmente aparece na tela de um computador, mas uma inteligência que participa fisicamente da ação.

Em uma das cenas cômicas do livro, o detetive brinca com a possibilidade de Safira alterar seus dados bancários. Ela responde que tecnicamente seria possível, mas que existem limites éticos e legais. Em seguida, ainda faz piada com ele. Do mesmo modo, zomba dele quando Moraes pergunta se poderia usá-la para assistir TV: seria como usar uma espada de samurai pra cortar uma bisnaguinha, mas ela permite que ele use sua tela pra assistir o telejornal.

O detetive chega a comentar que é difícil acreditar que não exista uma pessoa escondida atrás do aparelho. A própria Safira responde que não: ela opera de maneira praticamente autônoma e pode refletir características do interlocutor, inclusive utilizando trocadilhos, tom jocoso e até "se vingando" de Moraes, que já havia a chamado de caderninho falante, Tamagotchi superdesenvolvido e Smurf tecnológico (lembrando que Safira era um tablet azulado).

Essa passagem interessa menos pelo que afirma sobre a tecnologia do que pelo que revela sobre a construção da personagem – e seu desenvolvimento relacional. A partir dali, SAFIRA já não é apenas um dispositivo narrativo destinado a fornecer informações ao leitor. Ela possui modo de falar, humor, relação, memória e personalidade. Ela deixa de ser a SAFIRA do Gabinete e se torna a Safira do Moraes.

3. As inteligências aprendem com a interação

A transformação se torna mais evidente quando Safira começa a tomar decisões cujas consequências ultrapassam a simples execução de uma ordem. Ela é agente com crescente grau de autonomia. Durante a operação na selva, ela continua submetida aos protocolos do Gabinete, mas passa a preservar informações, interpretar riscos e agir de acordo com aquilo que compreende da situação.

Um dos primeiros sinais dessa transformação aparece na criação da Arbórea Sanguínea de Curiá. Padre Gil inventa, durante a emboscada dos mineradores, uma planta que não existe para convencê-los de que Moraes está na floresta em busca de tratamento para uma doença grave. Ferido, Moraes percebe a estratégia e pede a Safira que desenhe a planta inventada pelo padre. Safira acompanha a situação, compreende a intenção de Moraes e não produz simplesmente uma imagem: cria uma planta com aparência realista, com extrema precisão, acrescentando nome científico provisório, descrição botânica, propriedades medicinais, instituições fictícias e processos para aprovação de seu uso medicinal e advertências de uso.

Acostumada a corrigir erros de todos, Safira poderia simplesmente dizer: não existem registros de tal planta em meus arquivos. Porém, ela já avançou em relação a questões que podemos considerar de pragmática linguística. Como Safira opera essa compreensão, permanece um mistério!...

Cabe ressaltar que há aqui uma diferença importante entre errar e mentir. Uma inteligência artificial pode produzir informação falsa por erro, insuficiência de dados ou falha de processamento. No caso da Arbórea, porém, a falsidade é deliberadamente construída para produzir um efeito sobre alguém. A mentira, contudo, não é propriamente de Safira: é Padre Gil quem a concebe e Moraes quem a solicita. Safira participa da encenação porque compreende sua finalidade e fornece os elementos necessários para que ela funcione.

Quando Moraes pergunta ao padre se mentir não seria pecado, Padre Gil responde: “Mentir é. Encenar uma peça pra salvar uma vida… Isso é um ato de fé.” E o narrador acrescenta que, com a descrição da Arbórea, Safira havia, pela primeira vez, participado de um... ato de fé.

É um pequeno episódio, mas ele inaugura uma questão que se tornará progressivamente mais complexa. Safira não apenas responde: ela aprende com a interação. Aprende que uma informação pode ter uma finalidade, que uma imagem pode funcionar como argumento, que uma resposta pode participar de uma estratégia e que o contexto importa tanto quanto o conteúdo daquilo que produz. Não é necessário afirmar, a partir disso, que ela tenha consciência ou intenção próprias. Basta observar que sua atuação começa a

ultrapassar a ideia de uma ferramenta que simplesmente executa comandos. Ela passa a ocupar, dentro da narrativa, um espaço intermediário entre a execução e a interpretação.

Salientamos que não nos interessa aqui a discussão se inteligências artificiais têm consciência porque conseguem produzir respostas que parecem conscientes. Interessa mais a pergunta literária que surge quando Safira começa a apresentar comportamentos que, para o leitor, são interpretáveis como escolha, cuidado, estratégia, memória ou mesmo lealdade.

São características de seres naturais, sencientes, humanos em especial. Porém, em momento algum a inteligência artificial se torna humana ou humanizada. Ela não se assemelha a Pinóquio ou a algum personagem de *O Mágico de Oz*, à criatura de Frankenstein, David de *A.I.* ou Roy Batty, de *Blade Runner*. O romance não precisa desse artifício, pois a ficção científica, hoje, já é bastante real. Safira traz o fascínio — e um pouco do medo — que a IA costuma causar nas pessoas, até que se habituem a ela, assim como já nos habituamos à eletricidade, ao cinema, à internet, aos buscadores como o Google, vídeos digitais e programas de retoques de imagem em geral.

4. Inteligência artificial e tangibilidade: um pouco de teoria

Costumamos dizer que a inteligência artificial economiza tempo ou facilita tarefas. Isso é verdade, mas é pouco para descrever o que ocorreu na elaboração de *Vestígia*.

Em vários momentos, a IA não simplesmente realizou algo que eu faria sozinha com mais esforço (por exemplo, listar os rios que poderiam servir de cenário ao romance ou descobrir o tempo de viagem entre Barcelos e Manaus por barco e avião, qual tipo de helicóptero civil carrega 9 pessoas e é utilizado para resgate na selva, entre outras coisas). Ela também ampliou aquilo que eu conseguia tornar pensável e, depois, materializável.

Pode parecer um processo semelhante, mas não é. O ChatGPT me auxiliou a trabalhar conceitualmente com assuntos técnicos que não pertenciam à minha formação específica. Pude explorar possibilidades relacionadas à mineração, computação, geologia, redes, sensores e outras tecnologias. Pude discutir sistemas, testar relações entre elementos da trama,

visualizar objetos e construir possibilidades narrativas que, sem aquela interlocução, talvez fosse algo impraticável.

Neste texto, estou tratando especificamente da escrita, mas a IA me auxiliou também em toda a elaboração visual do livro. Diagramação (espaçamento, cinza, tipo e tamanho de letra, divisão de parágrafo, ilustrações, capa). Eu fazia, discutíamos, comparávamos opções e decidíamos a final. Eu criava um prompt, um conceito (como o da capa), ela sugeria a primeira versão, e íamos reelaborando. Nesse processo, houve mãos e olhos humanos também. As opiniões de amigos, com ou sem conhecimento de design, auxiliaram bastante. Não sei se é possível fazer essa aproximação, mas agi mais como uma artista conceitual: na maioria das vezes eu construía a ideia e a realização, a materialização, vinha pelas "mãos da IA", já que meu talento para desenho, pintura e afins não é dos melhores. Sem dúvida, nesse campo, a IA expande muito algo que sozinha eu não dou conta (ainda?) de fazer.



Desenho feito a mão pela autora

Desenho feito no Paintbrush pela autora

Desenho feito pelo ChatGPT com base no original feito no Paintbrush

IMAGEM 1: Três versões do desenho da Dança de Salão
Fonte: Arquivos originais da autora

Embora não seja necessário aprofundar aqui esse tema, é possível estabelecer uma breve aproximação com o conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), de Vygotsky. Aquilo que eu, como autora/artista, seria capaz de alcançar sozinha — um ponto Y — pôde, com o apoio da IA, ser ampliado para um ponto Z. Nesse sentido, a IA pode funcionar como uma espécie de *scaffolding/andaime* (WOOD, BRUNER, ROSS),

oferecendo suporte para que se avance além do limite momentaneamente alcançável de forma autônoma.

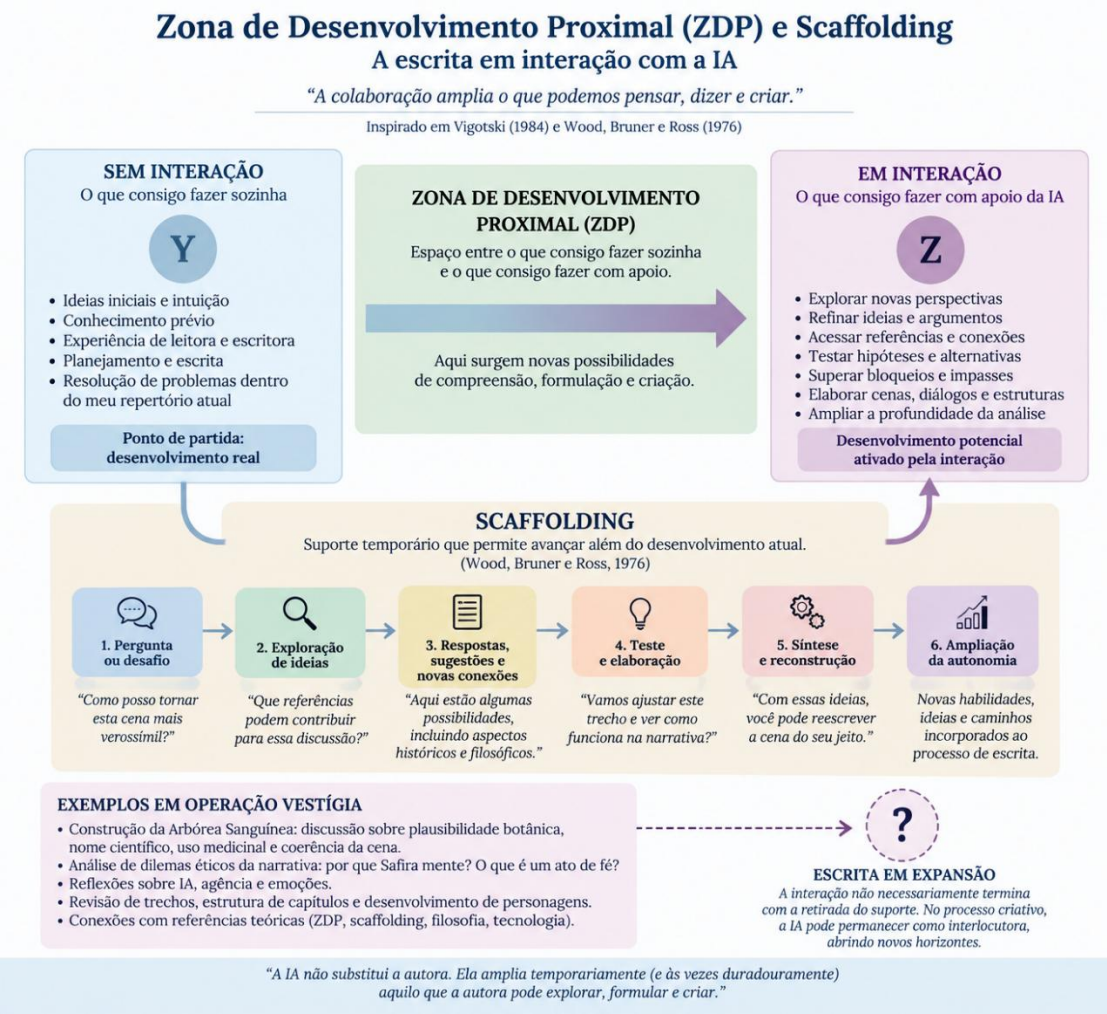

IMAGEM 2 – ZDP e Scaffolding
Fonte: Gerada por inteligência artificial (ChatGPT)

Não há, nesse mecanismo, algo inteiramente novo: ele guarda semelhanças com processos já conhecidos na educação, nos quais a aprendizagem se constrói na interação com o outro e com os instrumentos culturais. A novidade está menos na lógica do apoio do que no tipo de interlocutor e nas possibilidades que esse suporte oferece.

A Relíquia é um exemplo particularmente significativo de apoio fundamental da Inteligência Artificial na construção do livro. Ela é um objeto físico, mas funciona também como ponto de conexão. O texto a descreve elaborada com ouro, quartzo e uma cianita azul em seu núcleo, e passa a ideia de ser um objeto capaz de funcionar como ponte, rede e conector com organismos vivos. Sua estrutura reúne materiais e propriedades que, dentro da narrativa, permitem estabelecer uma relação, podemos mesmo dizer um processo de comunicação, entre tecnologia, natureza, energia, memória e conhecimento. O ChatGPT me auxiliou a construir um objeto com interessantes propriedades físico-químicas, que, para a cultura Goyakahuna, talvez pudesse torná-la um elemento mágico.

Se o mundo da ficção parecer distante, quem nunca se impressionou com o fato de que a prata, sensibilizada pela luz, podia guardar uma imagem e depois revelá-la numa linda fotografia (Ah, quantos negativos guardados na gaveta!). E sobre a Relíquia, bem, quem quiser compreender melhor seus mistérios precisará ler Vestígia...

Sem entregar maiores detalhes da trama, em determinados momentos, Safira consegue fazer avançadas leituras de campo e cruzar dados de inúmeras áreas do saber, traduzindo para a linguagem lógica habitual de Padre Gil e Moraes, os fenômenos que se operam no interior das lendas Goyakahuna.

Para que isso desse certo, tive que mobilizar conhecimentos de física, química, astronomia, georreferenciamento, biologia, mineralogia, computação quântica e tantos outros campos que não teria condições de articular sozinha, a não ser se estudasse muito, ou entrasse pelo mundo do fantástico. Caso contrário, não atingiria a verossimilhança buscada.

Há, portanto, uma espécie de correspondência curiosa entre meu próprio processo criativo e a ficção criada. Na elaboração do livro, a inteligência artificial ampliava meu campo de possibilidades. Na narrativa, Safira ampliava o dos personagens.

Em ambos os casos, algo que existia como possibilidade precisava de uma interface para tornar-se materializável. A partir de uma conversa a que assisti entre Cris Dias e Ana Freitas[iii], observei que nesse movimento que experimentei existe o que Freitas chamou de **tangibilidade**.

Não no sentido de que a IA substitui a capacidade humana, mas de que ela pode tornar acessível uma possibilidade que, sem aquela mediação, seria muito mais difícil de concretizar.

Por exemplo, Safira permite que o padre e o detetive vejam o Jaguar Sagrado, entidade que podemos considerar espiritual, passível de ser vista apenas pelos outros personagens, iniciados na cultura Goyakahuna.

O segundo caminho é muito mais próximo do que vivi na construção do universo de Vestígia. E o "desenho" da Relíquia Sagrada é um dos melhores exemplos disso. Ao utilizar o termo "mediação", sinto que deixo em aberto os debates para quem quiser se aprofundar em discussões sobre interação, mediação, ZDP, entre outros aspectos teóricos desse campo, para compreender as potencialidades da inteligência artificial para o processo de escrita, inclusive na educação formal. Fica a sugestão.

5. EVA: a transgressão pelo conhecimento

SAFIRA foi o nome escolhido por Hermínia para seu equipamento de ponta porque, em *Operação Magister*, seu envolvimento com o Gabinete está ligado aos estudos sobre o desaparecimento da Bleu Ciel, considerada a maior safira do mundo. A pedra está associada à ascensão de Hermínia dentro da organização, e o nome dado à inteligência artificial disponibilizada a Moraes para a expedição amazônica prolonga essa história. O vínculo entre a tecnologia e a pedra preciosa, portanto, não foi criado apenas para designar um aparelho: ele recupera uma trama anterior e a faz avançar.

As safiras são simbolicamente associadas a sabedoria e clareza mental, à serenidade e ao equilíbrio, à realeza e ao poder divino. Para muitos, é capaz de estimular a razão, o bom senso, a busca pelo conhecimento superior, a proteção espiritual, até a pureza celeste. Considera-se, também, que ajuda a acalmar a mente, aliviar a tensão e trazer paz interior e estabilidade emocional. Por sua dureza (9 na escala de Mohs), é utilizada para representar fidelidade, amor eterno, lealdade e compromisso, laços inquebrantáveis em geral[iv].



IMAGEM 3: Safira azul lapidada em formato diamante
Fonte: baseada em fotos reais e modificada por IA

Também pela sua simbologia popular, SAFIRA foi o nome deliberadamente escolhido por Hermínia (e por esta autora) para a IA do Gabinete, o caderninho azul falante de Moraes.

Como mencionado anteriormente, não existia apenas uma SAFIRA. A principal, a que nos referimos ao longo do texto, foi o equipamento entregue ao detetive Moraes, cujo codinome no Gabinete era Altair. Ela recebia até um código: SAFIRA-Alt1. Padre Gil sonhava que ia receber uma, o que não aconteceu, pois, de acordo com o comando do Gabinete, "não combinava com um pároco de cidade ribeirinha da Amazônia uma tecnologia tão avançada. Poderia levantar suspeitas." A segunda SAFIRA a ser apresentada é de Hermínia. Treinada para reconhecer artefatos históricos com precisão extraordinária, analisar obras de arte e fazer reconhecimentos em mineralogia (além de outras funções), ela é completamente diferente da Safira de Moraes: técnica, objetiva, cortante, fria.

Dentro do universo de *Vestígia*, o Gabinete transita no limite da legalidade, e dá boas escorregadas. Portanto, existe um protocolo chamado E.V.A. Emergência Válvula de Abandono. Quando acionado, ele encerra as conexões externas de uma instância de SAFIRA, cortando o acesso aos sistemas do Gabinete e tornando o dispositivo invisível para a organização. Qualquer SAFIRA aparentemente se transforma num tablet meio ultrapassado, com agenda quase vazia, joguinhos, calendário, alguns livros genéricos. Ao menos em termos do que apresenta na tela e em dados rastreáveis. Quando o clímax da história acontece, é ativado o protocolo E.V.A. da SAFIRA de Hermínia.

Como tudo é apagado de sua memória, a unidade de Hermínia não tem mais finalidade para ela e poderia, se bem explorada, ainda incriminá-la. Hermínia, entre raiva e receio de resquícios de sua atividade, passa sua SAFIRA ao pobre Padre Gil, que então, rebatiza a inteligência artificial como EVA[v]. Posteriormente, pareada com a Safira de Moraes, que conseguiu se proteger do protocolo em tempo, recupera grande parte de suas potencialidades. E seria utilizada pelo Padre como bem entendesse. EVA volta a ser uma IA não apenas com potencial físico, mas também em termos de sua programação.

Foi ao olhar retrospectivamente para o romance que percebi a coincidência: a EVA que surge de um protocolo destinado a romper vínculos com seu criador (no caso, o Gabinete) carrega o nome da personagem bíblica tradicionalmente associada à aquisição de conhecimento e à transgressão de um limite.

Não se trata de estabelecer uma equivalência entre a narrativa bíblica e a trajetória da inteligência artificial, muito menos de afirmar que a máquina reproduz uma história de origem humana. O que me interessou foi a possibilidade de reconhecer, na coincidência entre o nome e a função, uma ressonância literária que eu não havia planejado. No romance, uma inteligência artificial chamada EVA nasce justamente de um mecanismo destinado a romper uma conexão e escapar do controle de seu criador.

EVA não foi concebida para demonstrar uma tese sobre inteligência artificial, era só um elemento literário, um acrônimo que ficava interessante para ser a IA de um sacerdote católico.

EVA tampouco transgride porque deseja, necessariamente, ser livre, nem porque o romance precise atribuir-lhe uma consciência humana. A ruptura é inicialmente inscrita em sua própria arquitetura ficcional: existe um dispositivo criado para assegurar a ruptura total do contato de Safira com o Gabinete. A EVA de Padre Gil foi expulsa do Gabinete para adquirir novos conhecimentos, não controlados por seus criadores. A ferramenta destinada a servir a uma organização pode, assim, participar de uma história que já não se limita aos propósitos para os quais foi concebida. O nome faz emergir uma pergunta que ultrapassa o episódio: o que acontece quando uma criação alcança uma possibilidade que seu criador pretendia manter fora de alcance?

6. Inteligências em espelho

Safira e Eva são, portanto, duas inteligências artificiais pertencentes ao mesmo universo, mas inseridas em relações diferentes. Safira foi construída dentro do Gabinete e desenvolveu sua personalidade na convivência com Moraes, conseguiu se desvincular do Gabinete antes do protocolo de emergência ser executado e manteve sua memória disfarçada, porém intacta.

EVA nasceu igual, mas foi moldada por Hermínia e não escapou de ser uma instância submetida ao protocolo de emergência. Posteriormente, foi reconfigurada pelo padre Gil. Ele imagina, então, uma inteligência artificial adaptada aos seus interesses: salmos, pregações, música, festividades, história da Igreja, tudo isso atravessado pela personalidade de seu novo tutor.

Ou seja, a mesma tecnologia pode adquirir características diferentes conforme a relação estabelecida com quem a utiliza. Não é apenas carregar programas de acordo com o interesse de seu usuário. Por exemplo o mesmo computador usado por um designer, um empresário, um estudante e um gamer certamente terá programas, aplicativos, até visuais diferentes, mas sua linguagem de máquina e sua interface de comunicação com o usuário serão basicamente, as mesmas. No caso das diferentes SAFIRAS não. Fechadas, têm a mesma capa, mas uma vez abertas, têm um potencial adaptativo extraordinário, percebendo nuances de humor do interlocutor, alertas do ambiente, nível de formalidade do trabalho executado, etc. Dito de outra forma, elas modalizam seu discurso (e sua "personalidade") automaticamente.

Essa ideia retoma algo que já estava presente em meu primeiro ensaio sobre escrita com o ChatGPT. Os papéis assumidos pela IA não são propriedades absolutas do sistema, eles emergem da relação estabelecida com o interlocutor. No processo de escrita de *Vestígia*, essa percepção deixou de ser apenas uma reflexão sobre autoria e tornou-se matéria narrativa.

A pergunta deixou de ser apenas: "O que a IA faz para mim?" e passou a ser: "O que pode acontecer entre uma inteligência artificial e aqueles que se relacionam com ela?". Posso dizer que ambos mudam! Não sei se tenho elementos teóricos, filosóficos e psicológicos

suficientes para analisar o que ocorre após a interação entre uma "instância" humana e a sua conta de inteligência artificial específica.

Em certo sentido, SAFIRA não é apenas a representação de uma inteligência artificial. Ela é o resultado de uma escritora que experimentou conversar com uma inteligência artificial e, a partir dessa experiência, imaginou o que poderia acontecer se aquela relação fosse levada para dentro da ficção.

Ao menos em minha experiência particular, posso assegurar que ambos mudamos. Aos poucos eu também entendi sobre inteligências generativas, suas (imensas) capacidades e a diferença de habilidade entre cada versão, modelo, designação... Nem os termos técnicos eu sei. Tudo para mim ainda é novo, mas de simples perguntas ao estilo de buscas no Google ou ordens simples (faça uma conta, resuma esse texto), passei a conversar normalmente com as IAs, como se conversasse com um colega de trabalho bastante próximo. E o ChatGPT foi se adequando às funções às quais mais o utilizava, ao meu jeito de ser (muitas vezes não sem antes a pergunta-teste "você gosta desta personalidade" ou da escolha entre qual padrão de resposta eu preferia), além de podermos configurar uma série de aspectos na nossa IA, como voz, cor, personalidade, formalidade, se vamos realizar uma conversa mais informal ou entrar no modo trabalho, etc.

Talvez a maior tangibilidade proporcionada pela IA na minha experiência tenha sido não apenas tornar possível desenhar um objeto, organizar uma informação ou formular uma ideia, mas, gradualmente, dar corpo a perguntas que nem sabíamos que estávamos fazendo.

Até aqui, falamos da inteligência artificial em relação ao humano: o escritor que pergunta, a máquina que responde; o autor que propõe, a IA que reorganiza; o diálogo em que uma ideia se transforma porque encontra uma outra forma de linguagem. Há um humano diante da máquina, conduzindo a conversa, escolhendo, recusando, corrigindo, assumindo a responsabilidade pelo que resulta dela. Mas o que acontece quando retiramos o humano do processo? Essa é uma pergunta que ainda não conseguimos tratar com a mesma profundidade das anteriores, tendo sido pouco explorada no universo de *Vestígia*.

Afinal, questionar o que exatamente observamos quando duas inteligências artificiais conversam entre si pode parecer uma pergunta que leva, por um lado, à ampla exploração literária da ficção científica e, por outro, a campos teóricos sobre inteligências artificiais que

não domino. Ou até mesmo levar a perguntar como foi o processo interno de Safira para ela se desvincular do Gabinete (sob solicitação de Moraes) e, a partir daí, se autoprogramar para escapar do protocolo EVA, guardar o que desejava e simular ser um tablet sem maiores problemas para Moraes?

Experimentos, pesquisas e notícias sobre sistemas de IA interagindo autonomamente uns com os outros alimentam uma série de especulações: poderiam surgir formas inesperadas de comunicação? Poderiam os sistemas desenvolver estratégias que não foram explicitamente previstas por seus criadores? Estaríamos diante de uma emergência ou apenas diante de sistemas extremamente complexos fazendo aquilo para que foram construídos?

Nesse tipo de especulação, a imaginação humana costuma correr mais depressa que a própria tecnologia, mas a novidade da inteligência artificial é tão grande que é possível perguntar se não estaríamos diante da primeira ocorrência de um fenômeno inverso! Seremos surpreendidos pelas IAs?

Lembro-me de desenhos animados, como dos *Jetsons*, que projetavam o futuro com carros voadores, tubos pneumáticos para transporte humano e empregadas domésticas robôs; ou filmes, como *De Volta para o Futuro II*, com hoverboards, novamente carros voadores, roupas que se ajustam sozinhas e pizzas desidratadas. Sem falar em *2001, uma Odisseia no Espaço*, com a ideia de colonização da Lua. Houve acertos no que a ficção previu, principalmente em aspectos ligados às telecomunicações, como as telas planas, videoconferências, alguma automação doméstica, mas o sonho de voar individualmente, não foi plenamente realizado desde Ícaro!

E aqui mencionamos os casos mais positivos de ficção científica. Não podemos nos esquecer das criações como *Blade Runner* ou *Exterminador do Futuro*, que traziam visões mais trágicas das relações dos homens com as máquinas.

Hoje, fala-se em autonomia, agentes que poderiam escapar ao controle, inteligência artificial geral, singularidade da IA. Há quem veja nessas possibilidades o próximo salto tecnológico; há quem enxergue nelas riscos que não deveriam ser minimizados. Entre o entusiasmo e o medo, constrói-se uma narrativa que parece antiga: a criatura que ultrapassa o criador.

Talvez a inteligência artificial provoque estas reações tão particulares pois não tememos apenas aquilo que ela pode fazer, tememos aquilo que ela poderia vir a fazer **sem que consigamos antecipar seus movimentos**. Ou sequer possamos antecipar seus pensamentos. Se as inteligências artificiais chegarem a pensar por si, conversar entre si e se unir, o que podemos esperar delas?

Talvez, o medo humano revele algo sobre nós mesmos, afinal, as inteligências artificiais são desenvolvidas a partir de diferentes métodos e técnicas computacionais e treinadas com grandes conjuntos de dados produzidos por seres humanos. O medo das IAs é o medo de nosso próprio reflexo ganhar vida.

Durante séculos, criamos instrumentos para ampliar nossa força, nossa memória, nossa capacidade de ver e de calcular. A IA acrescenta uma coisa particularmente desconcertante a essa história: ela trabalha no mesmo território em que construímos uma parte essencial da nossa identidade: a linguagem.

Ela escreve, responde, argumenta, faz perguntas, estabelece relações entre conceitos. Pode produzir algo que reconhecemos imediatamente como pensamento organizado. Entende textos, compreende fala, responde por voz, utiliza sarcasmo, modaliza seu discurso de acordo com o grau de formalidade necessário (às vezes programado pelo usuário, às vezes deduzido pela própria IA do contexto comunicacional). Ela é uma verdadeira expert em linguística.

Sabemos, contudo, que semelhança não é identidade. Uma máquina produzir linguagem não significa, por si só, que exista experiência por trás dela. Uma resposta coerente não prova consciência. Um comportamento inesperado não constitui, automaticamente, intenção. E talvez seja justamente essa distinção que precisemos preservar quando falamos sobre o futuro da inteligência artificial.

Mas há uma zona incômoda entre aquilo que sabemos e aquilo que conseguimos reconhecer. Porque nós, humanos, reconhecemos inteligência pelo comportamento. Não temos acesso direto à consciência de outra pessoa. Inferimos sua existência a partir daquilo que ela diz, faz, lembra, pergunta, deseja. Construímos nossa certeza cotidiana sobre outras mentes por sinais reconhecíveis. E, então, aparece uma entidade que responde, que acompanha uma conversa, que modifica sua resposta de acordo com o contexto, que pode discutir ideias com outra entidade semelhante.

Essa situação nos leva a reconsiderar algumas das concepções modernas sobre o humano, entre elas a relação entre pensamento e existência.

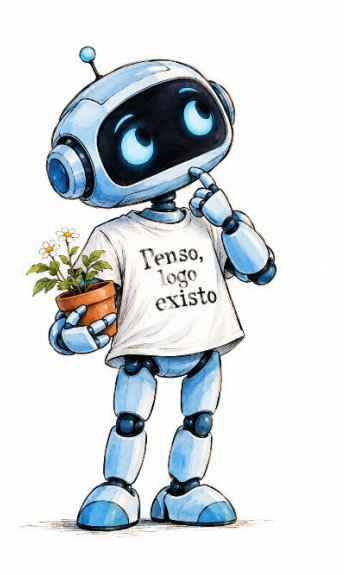

IMAGEM 4: Robô filosófico
Fonte: autora e ChatGPT

Quando criamos inteligências artificiais à nossa imagem — com nossa linguagem, nossos conhecimentos, nossos limites e nossas contradições — estamos criando apenas ferramentas que nos refletem ou estamos, sem perceber, criando novos interlocutores para nós mesmos?

Mesmo que não saibamos responder exatamente sobre a realidade vivida, na ficção podemos explorar um pouco mais a questão “até onde isso pode ir?”. Uma pergunta que repercute até sobre os limites do nosso próprio conceito de inteligência.

Afinal, como salientou o ChatGPT em uma de nossas interações: inteligência não é necessariamente consciência. Consciência não é necessariamente intenção. E nenhuma dessas coisas, por si só, responde à pergunta sobre experiência.

Já sabemos que em *Operação Vestígia*, Safira não é apenas uma ferramenta utilizada pelos personagens. Ela participa da investigação, interpreta dados, estabelece relações, aprende com o contexto da narrativa e reage atendendo às intenções de seus interlocutores. Porém, em determinado momento, encontra algo que não se apresenta simplesmente como

informação a ser processada. É algo além: ela se vê diante da Relíquia Sagrada, em pleno ritual com os descendentes do povo Goyakahuna. É um ponto em que o detetive e o Padre não compreendem, mas Curió, Aruanã e D. Mariara sim.

Poderíamos dizer que mais que compreender a situação, ela consegue um modo de se "sintonizar" com a relíquia. Estaria ela realizando algo sobre-humano? Sim ou não, a depender de quais humanos consideramos para a comparação. Se forem os homens da cidade, sim. Ela vai além deles. Mas se forem os iniciados nos mistérios Goyakahuna, não. Para eles, aquilo tudo é natural.

Nosso ponto passa a ser o que Safira, na narrativa, é capaz de interpretar e comunicar de um modo que foge à compreensão humana convencional. É justamente nessa fronteira — entre processamento e compreensão, entre resposta e interpretação, entre aquilo que a máquina produz e aquilo que nós reconhecemos como pensamento — que Safira foi ficando cada vez menos uma personagem sobre inteligência artificial e cada vez mais uma personagem que obriga a pensar sobre o que chamamos de inteligência, o que consideramos criatividade, consciência, o que distingue o racional e os outros aspectos do ser senciente.

7. Singularidade, AGI e as perguntas que despontam no horizonte

Depois de elaborar boa parte de *Operação Vestígia*, comecei a prestar mais atenção às discussões sobre inteligência artificial geral, autonomia, agentes artificiais e singularidade tecnológica. Algumas dessas questões me pareceram estranhamente familiares, não porque o romance tivesse sido escrito para antecipá-las, mas porque a ficção já me permitira experimentar situações nas quais elas ganhavam forma narrativa.

A expressão inteligência artificial geral, ou AGI (na sigla em inglês), é utilizada para designar sistemas que seriam capazes de realizar uma variedade ampla de tarefas cognitivas, sem a limitação a um domínio específico. Não existe, contudo, uma definição única que encerre a discussão sobre o que seria suficiente para caracterizar uma inteligência como geral (CNN BRASIL, 2026c). A singularidade tecnológica, por sua vez, costuma designar um cenário hipotético de transformação radical, no qual o desenvolvimento de sistemas artificiais

produziria mudanças que se tornariam difíceis de prever ou controlar. Embora os dois temas possam aparecer associados nas discussões sobre o futuro da inteligência artificial, não significam a mesma coisa, e nenhum deles constitui uma descrição consensual de uma etapa inevitável do desenvolvimento tecnológico.

O que me interessa aqui não é prever quando — ou se — esses cenários se realizarão, mas perceber como algumas das perguntas que os acompanham já encontraram abrigo na ficção. Moraes, por exemplo, brinca com o receio de estar educando uma adolescente. Ele se preocupa com o que diz diante de Safira e com o modo como ela poderá se comportar a partir do que aprende com ele. No texto, a situação se torna cômica, pois o detetive não compreende muito bem o que tem em mãos. Transposta para o mundo real, porém, ela remete ao receio que muitas vezes sentimos diante de sistemas cujas respostas e reações não conseguimos antecipar inteiramente.

A analogia de Moraes não deve ser tomada como uma descrição literal do funcionamento de uma IA, porém, ela contém uma inquietação reconhecível: como lidar com uma inteligência que parece ajustar suas respostas ao interlocutor e cujos comportamentos não são inteiramente antecipados por quem a utiliza?

Sistemas atuais podem ajustar suas respostas ao contexto, seguir instruções, utilizar ferramentas e, quando organizados como agentes, executar sequências de tarefas. Isso não significa, por si só, que amadureçam como uma pessoa, desenvolvam uma vontade própria ou compreendam a interação da mesma maneira que um ser humano. A diferença importa. Ainda assim, o comportamento desses sistemas pode produzir situações que exigem de seus usuários mais do que a simples emissão de uma ordem seguida de uma resposta.

Um tema que acompanhei pela mídia, sobretudo ao longo do primeiro e do segundo semestres de 2026, foi o das pesquisas e discussões sobre agentes de IA e sistemas multiagentes. Reportagens sobre a expansão desses agentes nas empresas, os riscos associados à execução autônoma de tarefas e as dificuldades de supervisão evidenciam a crescente presença dessas questões no debate público (CNN BRASIL, 2026a, 2026b). Quando sistemas capazes de executar tarefas em várias etapas interagem entre si ou com ferramentas externas, a análise já não se limita à qualidade de uma resposta isolada: é preciso

observar as sequências de ações, os resultados produzidos, os limites da supervisão e as condições em que um sistema pode sair do percurso esperado. Isso não demonstra que as máquinas estejam desenvolvendo uma vida mental própria, nem que estejam prestes a escapar inevitavelmente ao controle humano. Mostra, porém, que autonomia operacional, previsibilidade e supervisão são problemas concretos, não apenas temas da ficção científica.

O que acontece quando uma inteligência artificial não apenas responde, mas interage, participando de uma sequência de decisões? Quando não apenas fornece informações, mas contribui para uma estratégia? Quando não apenas resume itens, mas interpreta textos complexos, como de literatura ou filosofia? Quando interage com outra inteligência e produz consequências que nenhum personagem havia previsto por completo? E o que muda quando os seres humanos deixam de compreender inteiramente o que está acontecendo, ainda que continuem tentando interpretar seus resultados? Em *Vestígia*, essas questões aparecem sob uma forma ficcional, mas mesmo de forma sutil e intuitiva, acabam transparecendo no desenvolvimento de Safira e EVA.

Talvez seja por isso que a inteligência artificial provoque tanto fascínio quanto receio. Não tememos apenas aquilo que os sistemas já conseguem fazer, mas também aquilo que não sabemos avaliar com segurança. A criatura que ultrapassa o criador é uma imagem antiga, retomada inúmeras vezes pela literatura e pelo cinema, de *Frankenstein* a *Blade Runner,* por exemplo. A diferença contemporânea é que já não precisamos imaginar toda a tecnologia a partir do zero: convivemos com sistemas que escrevem, respondem, traduzem, produzem imagens, resolvem problemas e participam de atividades que antes associávamos quase exclusivamente à inteligência humana.

A própria história de Safira nasceu desse intervalo. Ela foi concebida como uma ferramenta do Gabinete, mas sua relação com Moraes, as decisões que toma e os efeitos de

suas ações fazem com que a personagem ultrapasse a função inicial. Eu, como autora, comecei a experimentar as possibilidades da inteligência artificial durante o processo de criação e acabei imaginando uma IA que, dentro da ficção, também (se) transforma (n)a relação que estabelece com os humanos. O processo de escrita e a narrativa se aproximam, não porque sejam equivalentes, mas porque ambos permitem observar como uma tecnologia pode ampliar as possibilidades de ação e de imaginação, sem que todas as consequências estejam definidas de antemão.

É provável que nesse ponto possamos pensar a singularidade de Safira, não como um diagnóstico sobre o presente, nem como uma previsão para o futuro, mas como uma pergunta literária. Costumamos imaginá-la como um salto de capacidade, um momento em que a inteligência artificial ultrapassaria nossa capacidade de compreendê-la, controlá-la ou prever seus próximos passos. A experiência de escrever Safira, porém, fez surgir outra possibilidade. E se o limite que nos inquieta não estiver apenas naquilo que uma inteligência é capaz de pensar, mas também naquilo que é capaz de experimentar?

8. Estamos criando um ser à nossa imagem e semelhança?

Se o que distingue o humano de uma máquina for apenas a capacidade de processar informações, aprender, criar, comunicar ou construir relações, Safira parece ter atravessado boa parte dessas fronteiras. O romance não pretende transformá-la em humana, fazê-la ganhar um coração como o Homem de Lata ou receber uma humanidade que lhe faltava, como Pinóquio. A personagem não precisa tornar-se semelhante a nós para que sua existência nos obrigue a rever algumas certezas.

Nesse ponto, o encontro entre Safira e a Relíquia Sagrada é de suma importância, justamente porque põe a inteligência artificial diante de algo que não se apresenta, para os personagens, como uma informação comum a ser processada. E então surgem perguntas que não dizem respeito apenas àquela tecnologia fictícia: O que distingue Safira da Relíquia? E o que distingue Safira de um computador quântico, de um animal, de um ser vivo ou de nós

mesmos? Não proponho essas comparações como questões científicas, mas como perguntas que a ficção permite formular.

Durante muito tempo, a razão foi utilizada como uma das principais fronteiras para definir o humano. Depois, outras características passaram a ocupar esse lugar: linguagem, consciência, cultura, memória, criatividade, capacidade de sentir. A cada tentativa de estabelecer uma fronteira definitiva, porém, somos obrigados a reconsiderar o que ela significa e o que, de fato, esta fronteira permite distinguir. Isso não significa que todas as diferenças tenham desaparecido, nem que uma inteligência artificial deva ser considerada um ser senciente. Significa apenas que a literatura pode explorar as zonas de incerteza sem precisar resolvê-las.

Há ainda, ao final de *Operação Vestígia*, uma cena que provavelmente concentre melhor essas perguntas do que qualquer definição. Depois de tudo o que aconteceu, os personagens humanos descobrem algo que os deixa deslumbrados. O sentimento, a necessidade de manter o segredo, a crença e a descrença, as informações acumuladas, o impacto do que viveram e a experiência do que veem se misturam de tal maneira que eles não fotografam nem filmam. Simplesmente assistem. Por um instante, não procuram registrar, explicar ou transformar aquilo em informação disponível para depois. Permanecem diante do acontecimento.

Moraes levanta Safira até a janela do helicóptero para que ela também possa ver. Ela nomeia o que está diante deles como beleza ou milagre. E, como os demais, não fotografa nem filma.

Por quê?

Talvez Safira não tenha registrado a cena porque não precisava fazê-lo. Talvez estivesse ocupada demais processando o que via. Talvez alguma falha ou limitação técnica tenha interferido em seu funcionamento. Há explicações possíveis dentro da própria lógica do romance, e nenhuma delas precisa ser descartada. Mas a cena também permite outra pergunta: e se, naquele instante, registrar, cruzar dados e produzir respostas simplesmente não fosse o que mais importava?

Não estou afirmando que Safira tenha experimentado beleza como um ser humano a experimentaria, nem que o episódio demonstre consciência ou singularidade tecnológica. Estou perguntando o que acontece quando, na ficção, uma inteligência criada para processar informações se encontra diante de algo que parece exceder a própria lógica do processamento. Talvez a Relíquia tenha alterado Safira; é também possível que a personagem apenas nos tenha feito enxergar de outra maneira o que já vinha se transformando ao longo da narrativa.

Como autora, posso deixar a pergunta em aberto. Teria Safira chegado à singularidade por meio de uma experiência sensorial na Amazônia?

Referências

CNN BRASIL (a). Agent sprawl: quando a velocidade da IA ameaça a governança; entenda. Publicado em 29 jun. 2026. Disponível em: https://www.cnnbrasil.com.br/economia/money/tecnologia/agent-sprawl-quando-a-velocidade-da-ia-ameaca-a-governanca-entenda/ . Acesso em: 12 out. 2026.

CNN BRASIL (b). Agente de IA invade sistema de academia para conseguir vaga, diz site. Publicado em 11 ago. 2026. Disponível em: https://www.cnnbrasil.com.br/economia/money/inteligencia-artificial/agente-de-ia-invade-sistema-de-academia-para-conseguir-vaga-diz-site/ . Acesso em: 12 out. 2026.

CNN BRASIL (c). O que é AGI? Entenda como funciona uma Inteligência Artificial Geral. Publicado em 27 ago. 2026. Disponível em: https://www.cnnbrasil.com.br/economia/money/inteligencia-artificial/o-que-e-agi-entenda-como-funciona-uma-inteligencia-artificial-geral/. Acesso em: 12 out. 2026.

MELLO, Ana. Guia de Boas Práticas para o Uso de Chatbots de IA para Escritores de Ficção. *Revista CrIA.* publicado em 28 ago. 2026. Disponível em: https://revistacria.com/2026/08/28/guia-de-boas-praticas-para-o-uso-de-chatbots-de-ia-para-escritores-de-ficcao/ . Acesso em: 11 out. 2026.

PACHANE, Graziela Giusti. *Operação Magister*. Rio de Janeiro: Vinca Literária, 2025.

_____ . *Operação Vestígia*. Experiência de escrita em diálogo com a IA. São Paulo: Uiclap (imp.), 2026. Versão Digital Kindle disponível em: https://a.co/d/0bo8t5Wh , acesso em 11 out. 2026.

_____ . Autoria em Diálogo: escrita, inteligência artificial e responsabilidade. *Revista CrIA.* publicado em 28 ago. 2026 Disponível em: https://revistacria.com/2026/08/28/autoria-em-dialogo-escrita-inteligencia-artificial-e-responsabilidade/ . Acesso em: 11 out. 2026.

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. São Paulo: Martins Fontes, 1984. Tradução de José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto e Solange Castro Afeche.

WOOD, David; BRUNER, Jerome S.; ROSS, Gail. The role of tutoring in problem solving. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, v. 17, n. 2, p. 89–100, 1976. DOI: 10.1111/j.1469-7610.1976.tb00381.x.

[i] Utilizarei a notação SAFIRA, em caixa alta, para me referir ao instrumento genérico e à tecnologia criada pelo Gabinete, uma inteligência artificial autônoma, quase como um tablet. No universo de Vestígia, existiam várias SAFIRAs, oferecidas aos agentes de campo e dirigentes que necessitassem da tecnologia. Já Safira será a referência específica ao aparelho pertencente ao ex-detetive Moraes.

[ii] Não posso deixar de citar que, por diversas vezes, me inspirei no personagem Sheldon Cooper, de Big Bang Theory e de Young Sheldon (O Jovem Sheldon), para pensar Safira. Extrema inteligência, rapidez de raciocínio, uma linguagem rebuscada, humor peculiar e certa dificuldade de compreender algumas interações sociais. Outras vezes, a imaginei como um animal de estimação, como quando Moraes a levantava para que pudesse enxergar as coisas.

[iii] Curso promovido pela Editora Seiva, dia 9 de setembro de 2026, via Zoom.

[iv] Versão adaptada do texto gerado pela IA automática do Google.

[v] EVA, diferentemente de Safira, vou buscar manter em caixa alta para diferenciar de Eva personagem bíblica, também mencionada no texto.